

A ILHA DE SANTA MARIA *

Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV a XIX)

por

JOÃO DE MEDEIROS CONSTANCIA

1. APRESENTAÇÃO GERAL DO QUADRO GEO-HUMANO DA ILHA

A ilha de Santa Maria, que constitui, conjuntamente com S. Miguel da qual dista apenas 55 milhas marítimas, o grupo oriental do arquipélago dos Açores, fica situada entre os paralelos 36° 55' e 37° 10', de latitude norte, e entre os meridianos 25° 01' e 25° 12' de longitude oeste de Greenwich. É simultaneamente a ilha mais oriental e a mais meridional do arquipélago, ocupando uma área de 97 Km².

Santa Maria possui, no conjunto do arquipélago, uma individualidade bem marcada. Por se tratar da ilha mais antiga

* Ao trazer a público os primeiros resultados da minha investigação sobre a ilha de Santa Maria, não posso deixar de agradecer a todos quantos, de algum modo, me ajudaram. Seja-me, porém, permitido mencionar os nomes dos bons amigos Eng.ºs Tecs. Agrários Humberto Nunes de Melo, Nélia Baptista Sarmento e Sebastião de Sousa, que, aquando das minhas estadias em Santa Maria, além de me terem fornecido valiosas informações sobre a paisagem rural, me concederam grandes

• dos Açores, cuja génese foi assinalada por complexos episódios de natureza eruptiva, sedimentar e tectónica, apresenta, relativamente à constituição geológica e morfológica, aspectos muito típicos e originais.

Ao observar em conjunto as formas do relevo, para o que é conveniente subir ao Pico Alto (a maior altitude da ilha — 590 m — donde se desfruta uma panorâmica geral de toda a ilha), o primeiro aspecto que salta logo à vista é a existência de dois sectores completamente diferentes, divididos por uma série de cristas com direcção NNW-SSE: a oeste fica uma extensa plataforma de abrasão e a oriente, uma área de relevo movimentado. Se a parte ocidental impressiona pela sua regular platitude, a oriental não causa menor impressão, visto apresentar-se profundamente dissecada pela erosão, notando-se um vigoroso encaixe da rede hidrográfica.

Em consequência das diferenças geomorfológicas apontadas existe, como é óbvio, um acentuado contraste climático entre a plataforma e os « Picos » ou « Serra », nomes pelos quais os marienses designam o compartimento de leste. Aqui são muito mais frequentes os nevoeiros ao longo do ano, maior a queda pluviométrica média anual e mais elevada a percentagem da humidade relativa.

Em face do exposto, conclui-se que há em Santa Maria, não obstante a sua pequena superfície, dois quadros físicos de características muito diversas, tendo cada um condicionado, de maneira peculiar, a história da ocupação humana — o que originou dois tipos de paisagem humanizada que, apesar de alguns aspectos comuns, são notoriamente contrastantes. A

facilidades de deslocação. Em S. Miguel tornou-se preciosa a ajuda da Dr.ª Maria da Graça Chorão de Almeida Lima Correia, directora dos Serviços de Documentação da Universidade dos Açores que, com a pronta eficiência que caracteriza os Serviços por que é responsável e a sua cordial amizade, me proporcionou sempre, em tempo oportuno, os elementos de consulta de que necessitava.

parte LESTE é verdejante com um tipo de povoamento extremamente disperso¹ e que raras vezes se aproxima do litoral². As casas rurais possuem, na sua maioria, um só piso (cerca de 92 %) com uma porta e duas janelas laterais. São, em regra, caiadas de branco, umas apresentando chaminé do tipo algarvio e outras do tipo alentejano. Os campos de cultura e as pastagens, devido à movimentação do relevo, apresentam-se, em regra, de pequeníssimas dimensões, mormente quando ocupam, em anfiteatro, vertentes de vales relativamente encaixados.

Em vários locais da beira-mar, encostas extremamente declivosas foram transformadas em socalcos e estes divididos por muros de pedra solta em quartéis, onde se cultivava a vinha, aproveitando para esse fim boas condições naturais: terrenos pedregosos e boa exposição solar. É o caso, entre outros, de S. Lourenço e Maia.

A parte OESTE, com vegetação escassa, sobretudo na extensa área de terrenos erosionados, apresenta um « habitat » rural caracterizado por menor índice de dispersão do que a « Serra », verificando-se, no entanto, muitas semelhanças relativamente às habitações, quer na forma, quer na estrutura interna, quer ainda na sua utilização como instrumento de exploração agrícola. O aeroporto construído num dos patamares da planura ocidental, além de ter provocado modificações sócio-económicas e culturais a nível da população de toda a ilha, originou uma importante aglomeração urbana.

A sul, na plataforma, fica situada a capital da ilha, Vila do Porto, povoação muito típica que se desenvolveu, por motivos de defesa, numa lomba, ladeada por duas ribeiras de

¹ À parte leste pertencem duas freguesias rurais: Santo Espírito, com 18 lugares, e Santa Bárbara, com 14, dão bem a ideia da pulverização do povoamento.

² Os lugares de S. Lourenço e Maia — duas estações de veraneio — constituem as excepções.

vales encaixados. Aeroporto e Vila constituem um binómio, de relações intensas, capaz de traduzir, por indicadores diversos, o pulsar da ilha relativamente ao desenvolvimento económico.

Assinaláveis diferenças se notam também quando se compara, em termos de Geografia da População, os dois quadros de que atrás nos ocupámos. Na « Serra » vive uma população não só de fraco nível sócio-cultural mas envelhecida, pela corrente emigratória que se tem feito sentir, em larga escala, para os Estados Unidos da América do Norte e Canadá, principalmente a partir da década de 60. A população activa dedica-se, na sua quase totalidade, ao sector primário: agricultura e criação de gado. Trata-se de gente simples, de pendor individualista, sem grandes ambições, a viver em lugares muito dispersos, de forte isolamento, praticando uma agricultura de subsistência por meio de alfaias, na maior parte dos casos antiquadas.

Na plataforma ocidental a população pertence, na sua maioria, ao sector terciário. É o que acontece na área Aeroporto-Vila, onde muita gente possui um bom nível de vida, quer sob o ponto de vista social, quer económico ou cultural. Nas freguesias rurais de S. Pedro e Almagreira o quadro humano embora um pouco diferente daquele que acabei de referir, contrasta, no entanto, com os « Picos » visto a população, na generalidade, possuir maior desafogo económico, maior vida de relação e também por se verificarem taxas de envelhecimento e de emigração mais baixas.

Em resumo: Santa Maria é uma ilha original nos Açores, pela complexidade dos seus problemas de natureza paleogeográfica, pelo contraste dos aspectos físicos e humanos da sua paisagem, onde sobressai como dominante comum a inconfundível dispersão do seu habitat rural.

2. EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS ASPECTOS
DA PAISAGEM HUMANIZADA
(séculos XV a XIX)

Quem se der ao trabalho de, ou dispuser de paciência para, percorrer atentamente as principais fontes informativas e os núcleos documentais já publicados, relativamente ao descobrimento, e ao progressivo povoamento das Ilhas dos Açores, poderá recolher um conjunto de elementos que, uma vez interpretados e relacionados, permitem reconstituir com certa aproximação os principais aspectos da ocupação humana em terras de Santa Maria.

Com efeito, os dados colhidos nas *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, na *História Insulana* do P.^o António Cordeiro, nas *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores* de Frei Agostinho de Monte Alverne e no vol. XV do *Arquivo dos Açores*, onde o Dr. Manuel Monteiro Velho Arruda reuniu uma copiosa colectânea de documentos relativos a Santa Maria, além de outros elementos extraídos de fontes dispersas apresentam, sob este aspecto, um tal grau de continuidade e conexão que com eles foi possível elaborar alguns esboços cartográficos susceptíveis de sintetizar a evolução dos principais aspectos da paisagem humanizada.

★

Fácil se torna imaginar o aspecto da ilha de Santa Maria aquando do descobrimento. Com formas de relevo não muito diferentes das actuais, apresentava-se revestida de uma vegetação arbórea e arbustiva : faias, cedro, pau branco, ginjas, loureiro e urze.

A primeira modificação da paisagem opera-se quando, nas viagens de reconhecimento, é lançado gado na ilha. A procura

de erva, os animais começam por abrir clareiras na vegetação, ao mesmo tempo que devastam espécies arbustivas menos resistentes. É, porém, com a fixação dos primeiros povoadores (fins da primeira metade do século XV) que se dá uma profunda transformação do meio geográfico.

A primeira etapa da humanização da paisagem consistiu na destruição (parte norte, sul e ocidental) do denso arvoredo, com vista ao estabelecimento das povoações e culturas, como se pode ver pelo esboço n.º 1.

As primeiras casas devem ter sido feitas à base de ramagens e de colmo, havendo também, em certos locais da beira-mar, quem habitasse em grutas naturais. Poucos anos após o início do povoamento, surgem habitações feitas de pedra (basalto) ao qual, bem cedo, se juntaria a argamassa feita com o barro extraído localmente.

Tudo leva a crer que a primeira povoação edificada fosse Santana. Vejamos o que, a este respeito, nos diz Frutuoso :

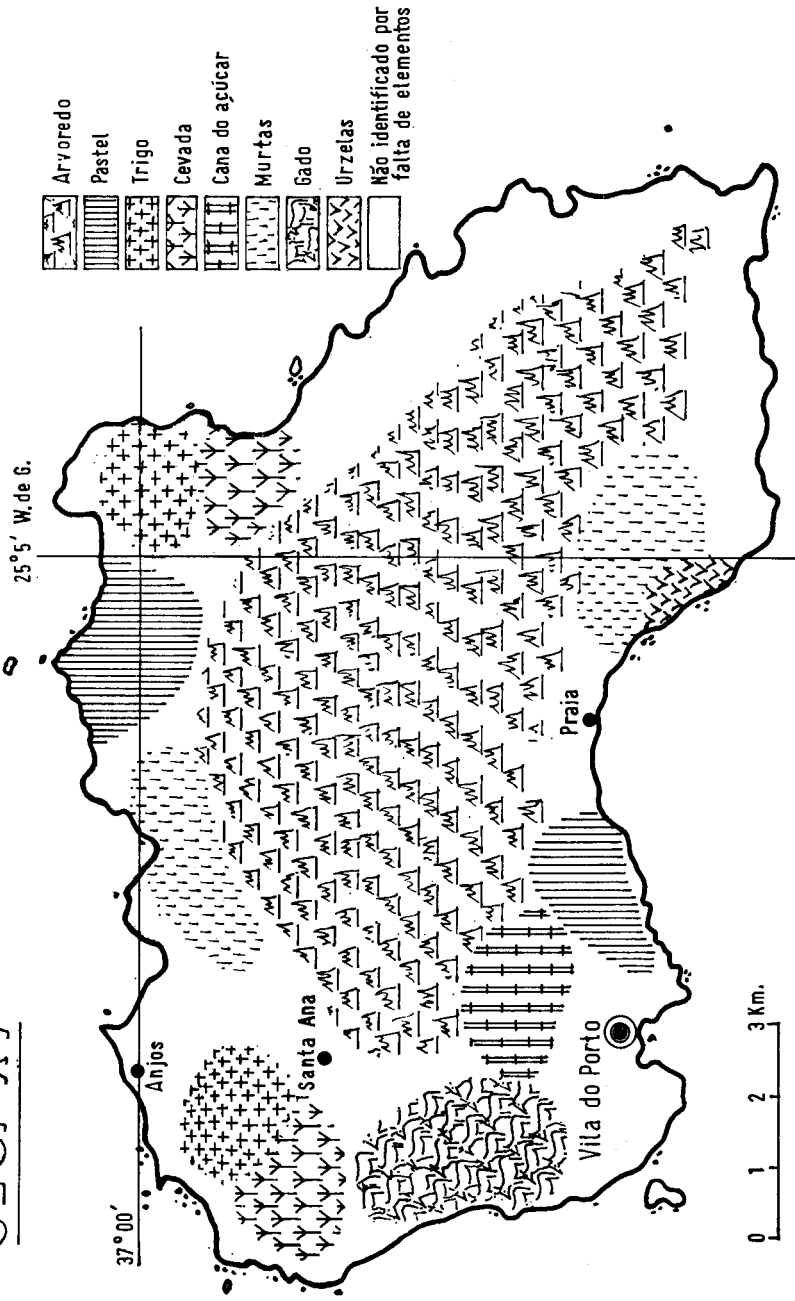
« Assim que os primeiros que saíram em terra, ali junto do mar, ao longo daquela ribeira do Capitão³, ou desta vez, ou da segunda, fizeram a primeira casa que na ilha se fez, e depois, pelo tempo adiante fizeram outras pela ribeira acima, e esta foi a primeira povoação da ilha, e por isso escolheu depois ali o Capitão suas terras, que são as melhores da ilha, e dão mais e melhor fruto e trigo, quase como o de Alentejo, quando o ano é temperado e bom »⁴.

É muito provável que o segundo povoado a surgir tenha sido Anjos, em cuja ermida parte da tripulação da caravela NINA comandada por Cristóvão Colombo, no regresso da sua viagem às Antilhas, deve ter estado no dia 19 de Fevereiro de 1493. Esta paragem em terras de Santa Maria deve-se ao facto

³ A ribeira do Capitão é hoje designada por ribeira de Santana.

⁴ Gaspar Frutuoso : *Saudades da Terra*, Livro III, Ponta Delgada, 1971, cap. II, p. 11.

SÉC. XV



ESBOÇO DE OCUPAÇÃO HUMANA N.º 1

de haverem feito muitas promessas durante uma forte tormenta por que passaram. Entre elas contava-se a de irem descalços e em camisa a uma igreja de invocação a Nossa Senhora ⁵.

Outras duas povoações, embora de desigual importância, foram estabelecidas e se desenvolveram ainda no séc. XV. Foram elas a Praia e Vila do Porto — a primeira vila do arquipélago fundada por volta de 1470.

« Logo subindo pela ladeira, no princípio da Vila, junto do mar, sobre a rocha está uma ermida de Nossa Senhora da Conceção, muito fresca, que, de qualquer parte que vem do mar, de fora para o porto, não se vê outra casa primeiro que ela, por boa entrada e estreita.

Tem esta Vila do Porto três ruas compridas, que correm direitas a esta ermida de Nossa Senhora da Conceção e ao porto, as quais começam do adro da igreja principal. A rua do meio, muito larga e formosa e de boa casaria, faz um cotovelo, pelo qual se não vê do adro da igreja principal a ermida da Conceção, que sobre o porto está, o que foi inadvertência dos primeiros edificadores, porque, vendo dali a dita ermida, ficava a rua com muito mais frescura. As outras duas ruas não são tão povoadas por se antrometerem nelas paredes de muitas horas e quintais e sarrados (*sic*), divididas estas três ruas com outras azinhagas e travessas. Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, que vai correndo ante sarrados e acabar antes que cheguem a uma ermida de Santo Antão, que está em um alto; da qual ermida para cima, ficam terras de pão e casais de homens que moram fora da Vila espalhados, pelo que tem a Vila mais de cem fogos, e com outros fregueses da mesma Vila, que a ela vêm ouvir missa, há na sua freguesia, que é a principal da ilha, trezentos e setenta e oito fogos, e almas de confissão mais de mil e trezentas. » ⁶

⁵ Cf. Jacinto Monteiro : « Episodio Columbino da ilha de Santa Maria, nas suas implicações com o descobrimento da América (Ensaio Histórico) », in *Insulana*, órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. XXII, 1956, pp. 40 e segs.

⁶ Gaspar Frutuoso : *ob. cit.*, cap. VI, pp. 70 e 71.

A devastação do denso arvoredo junto do litoral com vista à obtenção das primeiras culturas — trigo, cevada, pastel⁷ e cana do açúcar — levou à construção de abrigos, pois sem eles as plantas ficariam desprotegidas contra a intempérie, sobretudo contra os ventos e enxurradas.

Deste modo surgem os primeiros muros de pedra solta e as sebes vegetais de protecção aos campos, adquirindo a paisagem uma nova fisionomia.

Ainda no séc. XV nota-se a existência de algumas áreas cobertas por murta tanto na parte norte como sul da ilha. É também de referir a exploração da urzela (planta tintureira espontânea que dava um castanho muito fino) sobretudo em todo o litoral da localidade designada por Malbusca⁸. A criação de gado, mormente o bovino, é feita na parte mais ocidental da plataforma.

O esboço cartográfico n.º 1 procura dar uma ideia do grau de humanização da paisagem já atingido nos finais do séc. XV.

⁷ « As folhas da planta do pastel, depois de colhidas em determinadas condições eram trituradas nos chamados pisões ou engenhos. Daí resultava uma massa que, feita em bolas, era posta a secar. Depois essas bolas eram derregadas com água em tulhas especiais — operação que denominavam de « granar o pastel » e após o que se obtinha um pó que, aplicado depois como anilina, produzia um azul muito fino e ajudava noutras circunstâncias a fixar o preço ». In Carreiro da Costa, *Esboço histórico dos Açores*, Instituto Universitário dos Açores, Ponta Delgada, 1978, p. 193.

⁸ « Corre esta rocha de Malbusca, a pique, ao longo do mar, mui alta e temerosa, da qual se tira urzela que apanham homens, arriscando suas vidas, metidos em cestos dependurados por cordas atadas em estacas metidas na terra, sobre a rocha, com uma ponta, e na outra atado o cesto em que se metem, e assim vão largando a corda por mão até chegarem onde querem, e, depois que têm o seu saco cheio, alam-se pela corda ; e outros vão atados pela cinta. Não pude saber a razão do nome desta rocha de Malbusca, se não lho puseram, por nela tanto trabalho e perigo buscarem os homens a urzela » (Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, cap. V, pp. 63 e 64).

★

Durante o séc. XVI os povoadores continuam a proceder, do litoral para o interior, a grandes devastações florestais com vista a aumentar a área agrícola. Novas culturas surgem : é o caso da vinha, que foi sendo plantada, em larga escala, em várias localidades da beira-mar, aproveitando, graças a socalcos, vertentes bastante declivosas como, por exemplo, na costa oriental — S. Lourenço e Ponta do Castelete ; na costa sul — Baixa do Sul, Rocha Alta, Larache e Praia.

É também introduzida e vai-se desenvolvendo ao longo do tempo a horticultura e a fruticultura — figueiras, macieiras, marmeleiros, amoreiras, etc., aparecendo por isso as primeiras quintas, que se apresentavam divididas por altos muros de pedra destinados a proteger, dos ventos, as árvores de fruto.

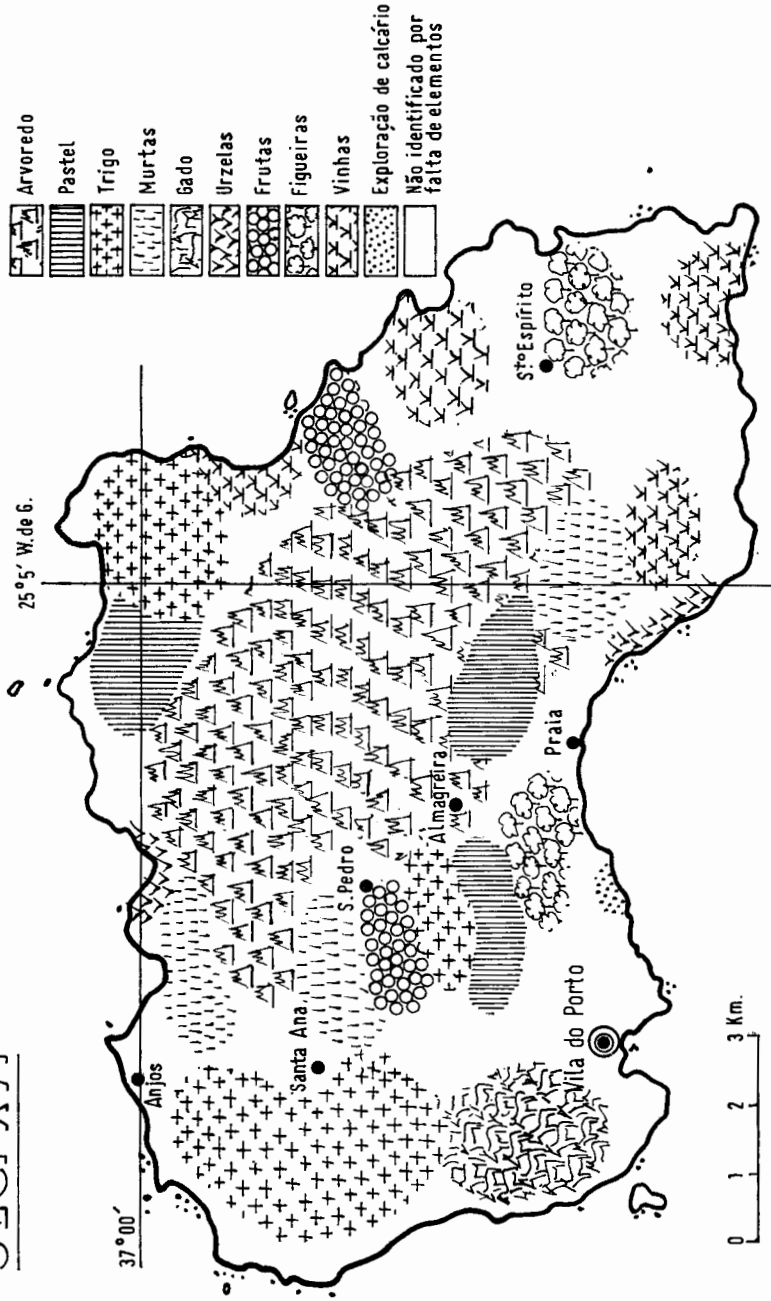
Das culturas praticadas anteriormente, verifica-se que o trigo atinge o seu apogeu, não só quanto à área ocupada, que sofre um aumento substancial, mas também quanto à produção. O seu declínio, porém, começa já na segunda metade do séc. XVI devido, por um lado, ao depauperamento dos terrenos, pela falta de rotação e de tratamentos adequados e, por outro, devido ao aparecimento de alforras (*Puccineae*) que muitos danos causavam aos trigais.

O pastel⁹ e a exploração da urzela continuaram, enquanto a cana do açúcar, segundo se presume, deixa de ser cultivada ainda no séc. XV. Diz-nos a este respeito Frutuoso :

« Neste tempo, para fazer prantar canas de açúcar na ilha, e fazê-lo como na Madeira, mandou o Infante D. Henrique a ela um mestre António Catalão, o qual as prantou e fez prantar logo no princípio. e deram-se muito boas, que trouxeram a moer nesta

⁹ O melhor pastel dos Açores era o de Santa Maria, porque, no dizer de Frutuoso, « esta ilha, antigamente, foi muito fértil, dava muito e bom trigo e cevada e muito pastel, o melhor que houve nas ilhas » (*ob. cit.*, cap. X, p. 66).

SÉC. XVI



ESBOÇO DE OCUPAÇÃO HUMANA N.º 2

ilha de S. Miguel, em Vila Franca, e fez-se delas muito bom açúcar, mas, pela pouca curiosidade dos homens, ou por não haver regadias, ou pelo pouco poder, cessou a granjearia delas.»¹⁰

Outra actividade da população consistiu, neste segundo século de povoamento, na exploração de calcário, aproveitando as formações existentes nas proximidades do Pico do Facho (lugar do Figueiral).

É ainda de mencionar o estabelecimento de um estaleiro em Vila do Porto, onde, com as madeiras da própria ilha, eram construídas as embarcações destinadas à pesca e às comunicações muito frequentes, principalmente de Verão, entre algumas localidades da costa.

Novas povoações são edificadas no séc. XVI : Almagreira, S. Pedro e Santo Espírito. Sobre esta última diz-nos Frutuoso :

« Saindo desta fajã para Norte, nas terras feitas ao Campo da Marcela, por a haver nele, chama-se ali Santo Espírito, onde dizem os antigos que na ilha se disse a primeira missa do Espírito Santo, quando entraram nela, e dali ficou nomear-se ainda hoje em dia esta freguesia de Santo Espírito, sendo ela depois edificada, como agora está, da invocação da Purificação de Nossa Senhora, sem perder aquele nome antigo. »¹¹

O esboço da ocupação humana relativo ao séc. XVI procura sintetizar, através das principais obras inscritas na paisagem, a luta árdua e constante do homem na valorização da Terra Mariense.

★

Durante o séc. XVII não se devem ter verificado alterações profundas no panorama agrário de Santa Maria. Para além de um considerável aumento da área das culturas arvenses,

¹⁰ Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, cap. II, p. 14.

¹¹ *Id.*, *Ibid.*, cap. V, p. 62.

como era de esperar, em detrimento dos arvoredos, assiste-se ao declinar da cultura do pastel e à introdução do milho que, paulatinamente, foi vendo aumentar a sua área de distribuição.

A viticultura intensifica-se, principalmente nas localidades da costa leste e da costa sul, onde existiam terrenos pedregosos e boas condições de exposição. O trigo, como atrás acentuei, foi perdendo importância, não obstante continuar a ser cultivado.

A fruticultura desenvolve-se, principalmente em vales abrigados, ganhando tal significado económico que a fruta, conjuntamente com a vinha, constituem os dois produtos agrícolas que mais pesaram nas exportações, logo nos primeiros decénios do séc. XVIII.

À exploração do calcário uma outra se junta — a do barro, produto em que a ilha, dada a sua constituição geológica, é particularmente rica, e que continuará a ser até aos nossos dias, uma importante fonte de receita, por ser exportado, em larga escala, para as outras ilhas, mormente para S. Miguel. Veja-se sobre este assunto o testemunho do P.^o António Cordeiro :

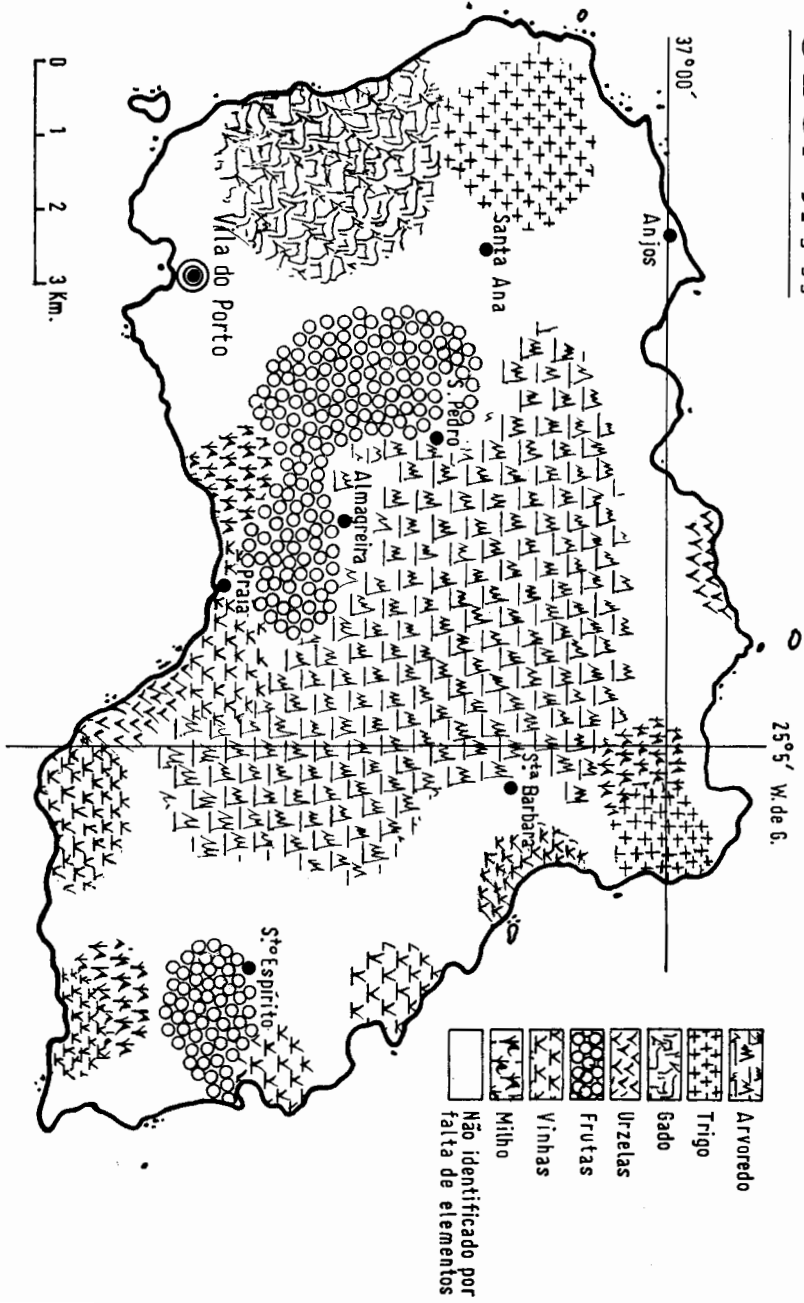
« Em algumas partes da terra que tem he tudo barro vermelho, e esteril para fruto ; porém para louça he excellente, e de tal louça vermelha se provê a dita Ilha, e dá provimento d'ella a S. Miguel e ainda à ilha Terceira ... »¹²

Data desta época o início do fenómeno emigratório. Muitas são as indicações que acerca da emigração açoriana para o Brasil têm vindo a ser reunidas por estudiosos da colonização das Terras de Santa Cruz. No que toca ao séc. XVII essa emigração tem sido, aliás, invocada para documentar a influência linguística dos falantes ilhéus no Português do Brasil¹³.

¹² P.^o António Cordeiro, *História Insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Ocidental*. Lisboa, 1876, Livro IV, cap. I, p. 146.

¹³ Cf. Manuel de Paiva Boléo, *Filologia e História — A emigração açoriana para o Brasil*. Coimbra, 1945.

SÉC. XVII



ESBOÇO DE OCUPAÇÃO HUMANA N.º 3

É natural que tal movimento migratório incluísse também a ilha de Santa Maria. Sabemos ao certo que, pelo menos em 1649, alguns casais dela provenientes foram enviados para o Maranhão pelo Dr. António Coelho de Carvalho¹⁴. Mas o fenómeno já vinha de trás. Refere Gaspar Frutuoso que em 1579 pela grande esterilidade do ano agrícola, um certo Diogo Fernandes Faleiro convenceu alguns parentes seus a irem para o Brasil, tendo-os provido do necessário e animado com esperanças de melhor vida¹⁵.

As invasões dos corsários que anteriormente já se tinham feito sentir, são, neste séc. XVII, mais intensas e frequentes. São sobretudo de assinalar os assaltos efectuados por argelinos que negociavam depois, no norte de África, os marienses como reféns. As fortalezas situadas em sítios estratégicos da ilha são, por assim dizer, a materialização na paisagem das renhidas lutas travadas com os corsários.

« A defesa d'esta Villa e de toda a Ilha, era de antes pouca, sendo que tem huma legoa de postos por onde se podia ser entrada, e o foi então três vezes, de Mouros, Ingleses e Francezes ; mas depois se lhe fizerão no Castello da praia dous Fortes com quatorze peças, e adiante hum Forte com algumas : na Villa dous Fortes com sete peças : na ponta do Marvão, e no Figueiral, e na Prainha outros Fortes com sua artilharia : o que tudo não só manda o Governador, e Capitão Donatário, (como abaixo veremos) mas immediatamente hum Capitão de artilharia com trinta Artilheiros, além do Capitão mor, officiaes, e gente de ordenança : que quanto pelas mais partes da Ilha, he por natureza inconquistável, havendo alguém que das rochas só com pedras a defenda. »¹⁶

A paisagem mariense no séc. XVII deveria oferecer um aspecto semelhante àquele que se menciona no esboço n.º 3.

¹⁴ Vidé Luísa da Fonseca, « O Maranhão » (Roteiro dos papéis avulsos do séc. XVII do Arquivo Histórico Colonial, in *Memórias e Comunicações do Congresso do Mundo Português*, vol. XI, 1940, p. 202).

¹⁵ Cf. Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, cap. V, pp. 60 e 61.

¹⁶ P.º António Cordeiro, *ob. cit.*, cap. I, p. 144.

★

Na história da ocupação humana de Santa Maria o séc. XVIII é o que se apresenta mais difícil de estudar, pela escassez dos elementos de informação. No entanto é possível reconstituir os principais aspectos da paisagem humanizada.

Devido a um acentuado enfraquecimento das terras em várias localidades, houve uma baixa na produção de milho, de trigo e de fruticultura.

No interior da ilha continuaram os arroteamentos de matos e o grande desbaste de matas, provocando uma diminuição sensível na queda pluviométrica média anual. Fizeram-se sentir secas de tal ordem que escasseou a água na ilha, havendo necessidade de importá-la de S. Miguel. Foi, entretanto, introduzida a cultura da batata que se revelou promissora.

A exploração de calcário prosseguiu em vários locais do litoral, com especial incidência no Figueiral.

A emigração para o Brasil intensifica-se.

Foi essa evolução que procurei fixar no esboço n.º 4.

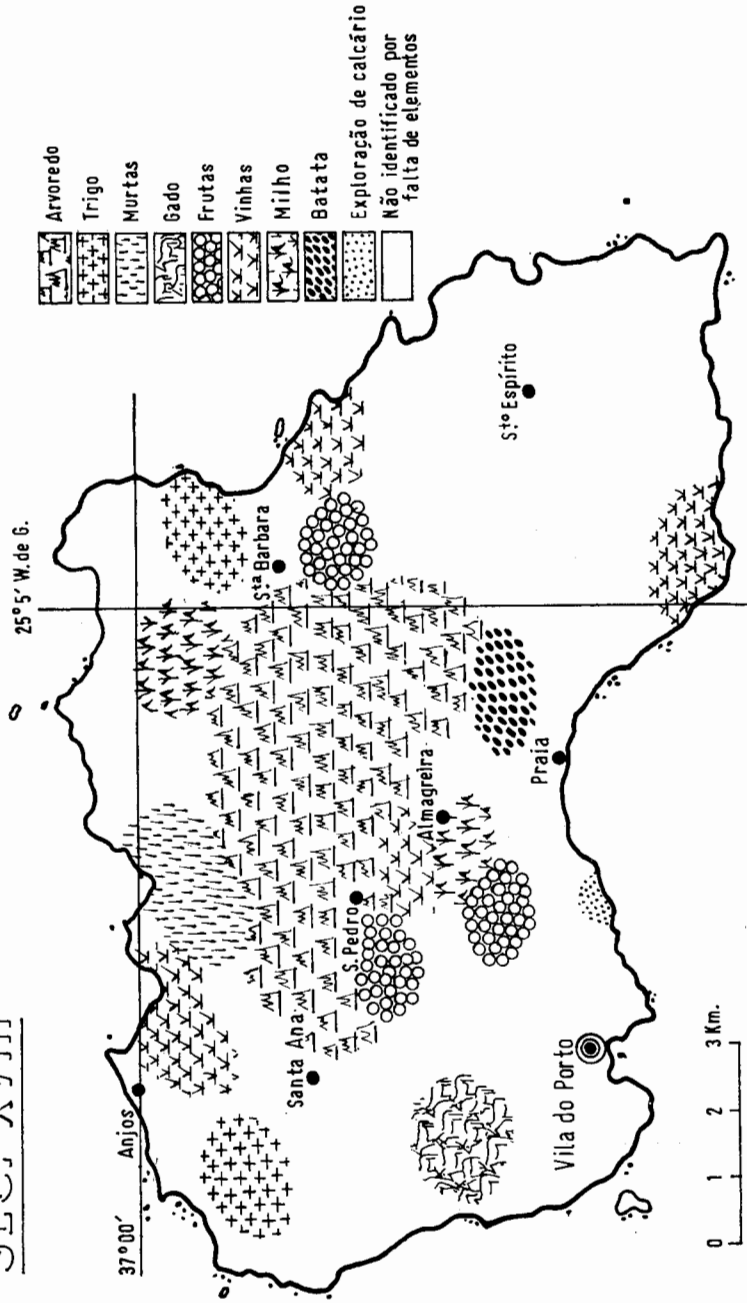
★

O séc. XIX é caracterizado por um surto de progresso no domínio da agropecuária mariense. Para isso muito devem ter contribuído a divisão da propriedade rústica, como consequência dos aforamentos, e o recurso a adequados tratamentos dos solos pelo uso de fertilizantes e adubação das terras — o que levou à recuperação de muitas delas.

As antigas cepas oriundas da Madeira e de alguns países europeus, por terem sido violentamente atacadas pelo *oidium*, foram substituídas pelas vinhas novas (Isabella)¹⁷ que conti-

¹⁷ A variedade Izabella é originária da América.

SÊC. XVIII



ESBOÇO DE OCUPAÇÃO HUMANA N.º 4

nuaram a ser cultivadas em terrenos pedregosos e soalheiros da beira-mar.

A horticultura e fruticultura conhecem um certo desenvolvimento, sobretudo a da laranja que, embora em quantidades relativamente reduzidas, passou também a ser exportada.

Procedeu-se ainda à plantação de matas com novas espécies silvícolas.

É neste séc. XIX que se dá a introdução de novas raças bovinas e o começo das pastagens melhoradas.

A situação de Santa Maria, relativamente ao gado, em 1850-51, é assim descrita por um autor que lá permaneceu quatro anos :

« A ilha, em referência à sua limitada grandeza, abunda em gados : o vacum é de media na estatura, e a carne de inferior qualidade nos meses de Dezembro a Março : o ovelhum, posto que pequeno, veste com sua lã a maior parte dos seus habitantes ; e do seu leite fazem-se deliciosos queijos, capazes de rivalizar com os da Serra da Estrela. »¹⁸

A exploração da argila parda, vulgarmente conhecida por barro, continua a ser feita, já para a exportação, já para fornecer matéria prima às primeiras olarias que surgem em Vila do Porto, e a cal passa a ser fabricada tendo em vista a exportação.

É durante o séc. XIX que se dá uma autêntica pulverização do povoamento. Com efeito, é-nos dado verificar que a ilha conta já com uma vila, 3 freguesias e 68 lugares.

Os principais aspectos da paisagem relativos ao séc. XIX, que foi possível identificar com certo rigor, encontram-se esquematicamente representados no esboço n.º 5.

¹⁸ António Bonifácio Guerra, *Succinta descrição da Ilha de Santa Maria e respectiva estatística referida ao Anno Económico de 1850-51*. Ponta Delgado, 1852, pp. 14 e 15.

Deste modo e através da evolução cujos passos mais significativos tentei determinar, com o rigor possível, nos esboços apresentados e na interpretação que para cada um sucintamente tracei, se atingiu o tempo actual. Penso, no entanto, que para a integral compreensão do meio geográfico mariense nos nossos dias se tornava indispensável a visão diacrónica que aqui traço.